

DESACADÊMICA



73

PEQUENOS PRODUTORES RURAIS E A MÚSICA ORGÂNICA:

Você consome música sem agrotóxicos?

Makely Ka¹

Em meados de 2020 recebíamos semanalmente em casa uma cesta com produtos orgânicos de pequenos produtores rurais de Brumadinho, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Na verdade, os produtos vinham de um pequeno núcleo familiar formado por um casal com dois filhos. Eles produziam verduras como couve, alface, salsa, alho-poró, cebolinha; legumes como cenoura, beterraba, cebolas; frutas como banana, laranja, limão, mamão e abacate; além de mel de abelha nativa e ovos de galinha

¹ <https://makelyka.com.br/bio/>

caipira. Durante meses recebemos esses produtos de ótima qualidade e os amigos e familiares que nos visitavam começaram a perguntar e se interessar pela cesta. Numa das visitas falei com Maria que gostaria de recomendar a cesta para alguns amigos. Nesse momento recebi uma resposta inusitada que me deixou paralisado. Maria me disse que não poderia atender novos clientes a não ser que algum dos atuais desistisse. Eu tentei argumentar, quase automaticamente, que poderia ser bom ampliar o negócio, aumentar a produção, etc. Nesse momento, muito calma, Maria me explicou que ela e o marido não estavam dispostos a ampliar a produção. Que eles possuíam um terreno de aproximadamente 10 mil metros quadrados, trabalhavam na terra os dois somente com a ajuda dos filhos de segunda a quinta, na sexta faziam as entregas de aproximadamente 30 cestas. Para atender novos clientes eles provavelmente teriam de arrendar mais terra, contratar funcionários, aumentar o número de horas de trabalho, o que prejudicaria a rotina escolar dos filhos e a qualidade de vida deles. Eu percebi num átimo, e um tanto envergonhado, que sua resposta representava uma sabedoria muito instigante. Mais do que isso, aquela atitude condensava muito da minha própria busca como artista e criador.

Uma das questões mais urgentes da humanidade no momento diz respeito aos nossos níveis de consumo. Em novembro de 2022 ultrapassamos 8 bilhões de pessoas no planeta. Se mantivermos os padrões da parcela mais rica da humanidade não teremos como atender a demanda de todos já na próxima década, afinal os recursos da Terra são limitados. No entanto continuamos com uma mentalidade do século 18, como se a natureza fosse um provedor infinito e pudéssemos continuar explorando indefinidamente os recursos naturais. Mais do que isso, essa lógica desenvolvimentista ainda orienta políticas governamentais e corporativas em todo o mundo, sem levar em conta a possibilidade de escassez cada vez mais iminente.

Todos os países ainda trabalham com a meta de crescimento e expansão da economia indefinidamente, como se não houvesse amanhã. Os movimentos pelo decrescimento, pela redução do consumo, pela desaceleração econômica, até meados dos anos 80 eram geralmente ridicularizados pela opinião pública, taxados como alarmistas, radicais,

apocalípticos. Mas vamos aos poucos nos dando conta de que é somente uma questão de tempo. Hoje há um relativo consenso de que em algum momento da história vamos entrar em colapso, isso parece ser inevitável. Podem variar as previsões sobre a hora em que o colapso vai nos atingir, alguns mais otimistas calculam décadas, outros mais pessimistas consideram anos. Os realistas, no entanto, afirmam que já estamos em colapso, embora nem todos percebam os efeitos da mesma forma.

Há vários perigos iminentes que ameaçam a continuidade da vida no planeta. Um deles é o fim da diversidade das espécies, o que reduz as defesas naturais, propicia a proliferação de vírus e precipita epidemias e pandemias.

Um dos maiores responsáveis pela redução da diversidade biológica é o sistema de plantio de monoculturas extensivas e do extrativismo ostensivo. Essas atividades da agroindústria também são responsáveis pela redução da diversidade humana, pois provocam o êxodo rural, o que implica no estrangulamento das manifestações culturais em suas comunidades de origem. Pode não parecer tão óbvio, mas a monocultura também interfere de forma radical na diversidade cultural de uma região. Nas áreas de plantio extensivo invariavelmente as comunidades tradicionais ficam confinadas em pequenas ilhas de subsistência, cercadas por veneno e máquinas agrícolas de todos os lados, com as pessoas muitas vezes obrigadas a vender suas terras e migrar ou permanecer coagidas a trabalhar em regimes análogos à escravidão.

Além disso as monoculturas apresentam dois problemas incontornáveis: utilização em larga escala de agrotóxicos e foco na produção de cereais para fabricação de ração e insumos para alimentar o gado. Monoculturas em geral, não produzem alimentos para humanos. Ou ainda, não produzem alimentos saudáveis.

A utilização de fertilizantes e aditivos químicos é inevitável quando você tem amplas plantações de uma única cultura, pois ela fica dramaticamente vulnerável a pragas e

invasões. A diversidade e o convívio de diferentes espécies de animais e plantas garante o equilíbrio natural de um ecossistema.

Os pequenos agricultores por sua vez, responsáveis pela produção da maior parte do alimento que chega na mesa dos brasileiros, resistem nadando contra a corrente da lógico agroindustrial planetária. Nesse grupo tem se popularizado práticas como o sistema de agrofloresta, permacultura, agricultura sintrópica, agricultura orgânica entre outros modelos sustentáveis de plantio.

Nas diversas viagens que venho realizando pelo interior do Brasil nos últimos anos estive em contato com muitas famílias de pequenos agricultores. A maioria deles, vivendo em pequenas comunidades rurais, participa dos folguedos e manifestações de cultura popular nas localidades. Eles chamam esses eventos de brincadeiras. Muitas delas emulam cantos de trabalho, de labuta, utilizados durante a lida cotidiana. Há sem dúvida uma interação indissociável entre a agricultura e as manifestações culturais. Mas eu gostaria de propor ainda uma outra relação. Os produtores de cultura que atuam de forma independente das grandes empresas e corporações, equivalem aos pequenos produtores rurais.

Na indústria musical a compra de espaços publicitários para promover um determinado artista ou estilo musical se chama popularmente jabá. É a verba publicitária, paga ilegalmente aos programadores de rádio e TV para promover uma música. Essa prática provoca uma distorção na programação, causando o efeito de superexposição, que equivale em algumas rádios a uma espécie de monocultura musical. Podemos dizer portanto que o jabá é o agrotóxico da indústria musical. Ele reduz a diversidade dos meios de divulgação concentrando a execução em um número limitado de músicas que receberam um aditivo químico para serem exibidas.

Por isso eu defendo que os criadores musicais que produzem, gravam e lançam seus trabalhos de forma independente, sem comprar espaços publicitários, sem pagar para

incluir suas músicas em playlists, sem impulsionar artificialmente seu conteúdo nas redes sociais, assim como os pequenos produtores rurais, estão fazendo música orgânica, sem aditivos químicos.

Mas aqui voltamos a uma velha questão: como manter uma carreira independente de forma sustentável sem ampliar o seu público? E de novo retomo o exemplo dos pequenos agricultores. Quando dou palestras e participo de mesas de debate sobre gestão de carreira e mercado musical, costumo fazer uma pergunta à queima-roupa ao público presente, geralmente formado por músicos e produtores em início de carreira: se você pudesse escolher, durante um ano de sua carreira, tocar em um único show para 10 mil pessoas ou realizar 100 shows para 100 pessoas de cada vez durante 12 meses, o que você escolheria? Invariavelmente a maior parte da audiência dá a resposta errada do ponto de vista de uma carreira musical sustentável, optando pela primeira opção.

Essa ideia de que o artista só estará plenamente realizado se tocar para uma grande plateia dá um indicativo do equívoco normalizado de uma cultura de celebridade que domina o meio musical e o ambiente cultural como um todo. Essa expectativa delirante que pode ser resumida na projeção de uma carreira astronômica, com números hiperbólicos, reflete em última instância a ideologia neoliberal do crescimento exponencial indefinido, amparado em um individualismo exacerbado e no culto de um personalismo narcisista. Mais do que uma característica mercadológica me parecem antes um sintoma de adoecimento social provocado pelo uso indiscriminado de aditivos químicos, pela normalização de práticas criminosas, pelo uso inconsequente de recursos ilícitos buscando deliberadamente o lucro e ignorando o equilíbrio natural do ecossistema cultural.

Se um artista em início de carreira projeta como régua de sucesso única e exclusivamente a possibilidade de tocar num estádio para milhares de pessoas, há grandes chances dele se frustrar e cair na teia do ressentimento. Primeiro porque as chances de um artista iniciante tocar num grande festival são muito remotas. Mas o

diabo é que, mesmo que ele alcance esse êxito, nada garante que ele vai convencer aquele público a acompanhar seu trabalho. Até porque o público de um grande festival não está ali necessariamente pela música. Por outro lado, se o artista toca para pequenos públicos, periodicamente, com quem estabelece um diálogo direto, existe uma grande probabilidade de se estabelecer a partir dali um vínculo duradouro, uma relação prolongada.

Retomando a ideia da cesta de produtos orgânicos da Maria, os criadores independentes precisam entender qual é o seu público e oferecer a ele sua cesta de produtos que a grande indústria fonográfica não consegue entregar. Me parece que esse conceito está também alinhado à ideia de um mundo mais justo, mais igualitário. Sempre me pareceu no mínimo contraditório artistas conhecidos mundialmente falando de questões importantes como a fome e a miséria no mundo enquanto participam de grandes eventos midiáticos, geralmente com ingressos custando fortunas, estrutura gigantesca, gerando impactos sócio-ambientais insustentáveis e irreversíveis. Me parece que hoje um artista não pode ignorar questões que afetam as pessoas num âmbito global. Talvez o público desse artista independente, que o acompanha, esteja disposto inclusive a pagar um valor mais justo pela sua música, pelo seu show, pois sabe que aquele trabalho tem um diferencial, é música orgânica. Assim como paga mais por uma cesta de verduras que ele sabe ter sido produzida de forma diferenciada. Acho que a tendência é o público cada vez mais valorizar um discurso que é condizente com a prática e que contribui para a diversidade cultural do país. Sem diversidade estaremos todos condenados à escassez e ao tédio.